

Editorial

Mas como devemos abrir espaço para este tédio inicialmente inessencial e inapreensível? Somente através do fato de não estarmos contra ele, mas de nos aproximarmos dele e de deixarmos que ele nos diga o que quer afinal, o que passa com ele afinal.
(Martin Heidegger)

Caros leitores e colaboradores,

O processo de montagem deste número sobre *Tédio* ocorreu num compasso de espera por artigos que não chegavam, diferentemente do número anterior – *Famílias* –, que se mostrou farto de trabalhos, quase pedindo uma nova seção, que bem poderia se chamar “Ainda famílias”.

Nesse vazio de artigos temáticos sobre o tédio, decidimos enviar uma carta-convite estimulando os colegas a pensar sobre o tema:

Tédio, melancolia, depressão, vazio existencial, ócio... As ciências humanas, incluindo a psicanálise, são convocadas a investigar e compreender com mais profundidade a presença desse *nada* na vida do sujeito contemporâneo.

Apesar de não ser exclusividade da subjetivação pós-moderna, o tédio tornou-se uma forma recorrente, chegando aos nossos consultórios pela queixa do sentimento de falta de sentido diante da vida, de latência do tempo e de vazio espacial.

Como entender o conceito de tédio em sua especificidade a partir das transformações radicais do processo cultural e social que forma o solo do momento histórico de nossa civilização, com a mudança em instituições como a família e em noções como a de gênero, com a globalização, com as novas tecnologias etc.?

Tédio é um tema que carrega muitas possibilidades de estudo: qual a diferença entre tédio, melancolia e depressão? O tédio, na contemporaneidade, pode ser entendido como uma nova forma de sofrimento, uma nova patologia (não como nosologia psiquiátrica, mas no âmbito da cultura)?

O convite teve um efeito surpreendente, e recebemos vários artigos – da teoria à clínica –, revelando que muitos psicanalistas estão envolvidos com

pesquisas e investigações clínicas sobre as múltiplas formas e modalidades de tédio e seu manejo na clínica psicanalítica.

A escolha editorial para a abertura da seção temática, com os artigos “Entre lirismo e desespero”, de Pedro Salem, e “O tédio na sociedade do trabalho total e diversão total”, de Paulo Emilio P. L. Cabral e Ana Maria Loffredo, tem a finalidade de situar os sentidos do tédio numa perspectiva dos processos históricos, sociais e psíquicos, partindo da modernidade. Ambos os artigos examinam o tédio sob a ótica das relações sociais e psicanalíticas.

A abordagem do tema segue do mais geral para dentro da sala de análise e permite ao leitor trabalhar dialeticamente as noções de tédio apresentadas pelos diversos autores deste número.

Os próximos artigos são teórico-clínicos. Em “O tédio e a clínica do vazio”, Marion Minerbo trabalha com a questão do tédio na pós-modernidade, da crise das grandes instituições, delineando o território do mal-estar pós-moderno na clínica do vazio. A autora diz que “as formas de sofrer, em cada época e lugar, são consubstanciais às formas de ser” (p. 58) e cunha a noção de *depleção simbólica*, que permite “fazer a mediação entre a crise das instituições no nível social e o sofrimento psíquico individual” (p. 59). A reflexão psicanalítica implicada com sua época e lugar teve privilégio na montagem deste número, tendo em vista a indagação lançada pela carta-convite.

Os artigos “Do tédio à *rêverie*”, de Talya S. Candi, e “Tédio, luto e melancolia”, de Vera L. C. Lamanno-Adamo, vão direto para a sala de análise, contribuindo para o entendimento dos sentimentos de tédio na relação analítica, diferenciando-os de luto e melancolia, e examinam o tédio do analista na própria sessão.

O último artigo, “Tédio”, de Adriana Meyer B. Gradin e Luís Claudio Figueiredo, também aborda as diferenças entre tédio e melancolia. Afirma que o tédio é uma entidade nosológica autônoma e procura sistematizar três modalidades de tédio e seus possíveis manejos por parte do analista na clínica. Sustenta, numa afirmação mais categórica, que as modalidades de tédio que nomeia de *tédio-defesa*, *tédio-branco* e *tédio-protesto* “fazem parte de um campo maior, sendo exteriorizações de adoecimentos psíquicos por passivação” (p. 91). Ao ler esse artigo, o leitor recebe a notícia de que Figueiredo e Nelson Coelho Junior estão com um livro no prelo sobre o tema dos adoecimentos psíquicos por passivação.

A próxima seção, “Keynote papers”, é dedicada à cobertura do mais recente congresso da IPA, ocorrido em Buenos Aires, entre os dias 25 e 29 de julho deste ano, sob a temática *Intimidade (Intimacy)*. A revista publica os três artigos que formaram o painel principal do congresso, cujos autores são o brasileiro Ruggero Levy, o casal sueco Björn Salomonsson e Majlis Winberg

Salomonsson e a americana Adrienne Harris. Para quem não foi ao evento, vale conferir o material apresentado e discutido na Argentina.

O artigo que compõe a seção “Interfaces” é fruto das atividades preparatórias para o 26.º Congresso Brasileiro de Psicanálise, promovidas pela Febrapsi nas Sociedades federadas. A apresentação de Antonio Vargas em Florianópolis vem ao encontro do tema da revista, já que o Romantismo pode ser compreendido como um movimento precursor da noção de tédio. É enriquecedora a ampliação que Vargas faz ao assinalar a nostalgia e a morte como “mecanismos criativos que o romântico encontra para dar sentido a sua vida” (p. 174). A influência das condições sociais captada e engendrada pela cultura e arte nos remete à ideia de Freud da potência da psicanálise para captar o mal-estar de uma época.

Em “Outras palavras”, procuramos dar o merecido espaço aos colegas Daniel Schor e Miguel Calmon du Pin e Almeida, cujos trabalhos já aprovados não puderam ser publicados anteriormente. Esse é um grande problema vivido nos bastidores de uma publicação, que exige dos editores um manejo sofisticado para ater-se à linha editorial e ao tema do número e, ao mesmo tempo, apresentar o máximo possível da produção de qualidade dos colegas desse imenso território brasileiro. É um desafio permanente para nós.

A seção “História da psicanálise” traz um artigo de Nelson Coelho Junior que abre uma nova perspectiva sobre como trabalhar com a ideia de história da psicanálise: não é uma história somente de fatos cronológicos; é antes uma história de ideias, construções e produção psicanalítica. “Um capítulo húngaro da história da psicanálise” traz essa perspectiva, que sintoniza com um dos objetivos que a equipe editorial gesta para essa nova seção.

“Projetos e pesquisas” inaugura o lugar para um tipo de trabalho que nossa gestão se propõe a valorizar – o trabalho psicanalítico institucional. O artigo de Josefa Maria Dias da Silva Fernandes, colega de São José do Rio Preto, conta a experiência de uma psicanálise implicada com o conhecimento psicanalítico de grupos e instituições e com a escuta psicanalítica de muitos pacientes que ainda são invisíveis e sem voz em nossa sociedade. Trata-se de um trabalho que confirma os desafios da psicanálise diante da realidade social brasileira.

Por fim, podemos dizer que existe um movimento na psicanálise de, com pensadores de áreas afins, investigar o sentimento de tédio, construindo uma produção acurada sobre esse objeto de estudo.

Muitas questões surgem com a leitura dos artigos aqui publicados, como a afirmação de que o tédio é intrínseco à modernidade e à pós-modernidade, o que não deixa de ser intrigante. Ao refletir sobre os artigos no seu conjunto, nota-se uma tendência em aceitar que o surgimento da noção de tédio se deu no final do século XVIII.

Seria plausível, contudo, imaginar que outras formas de tédio existiram, talvez, desde a Antiguidade? A *acídia*, por exemplo, citada por alguns autores, foi investigada como uma “emoção de origem religiosa – reconhecendo-a como um antepassado remoto do tédio” (Salem, p. 22).

Lars Svendsen, em seu livro *Filosofia do tédio*, apura que há “escritos em Sêneca em que, através do conceito de *tedium vitae* (cansaço da vida), ele descreve algo que lembra muito o tédio moderno” (1999/2006, p. 22).

No último artigo da seção temática, como visto, Gradin e Figueiredo defendem que o tédio é uma entidade nosológica autônoma. Ou seja, há muito ainda a investigar sobre suas origens, expressões, modalidades, sentidos e psicopatologias.

Portanto, caro leitor, a partir da concepção do tédio como um elemento crítico e expressivo de algum mal-estar, a *Revista Brasileira de Psicanálise*, numa breve cartografia da produção psicanalítica, procurou mostrar as investigações que estão em curso, as reflexões, as questões e o aprofundamento desse tema tão instigante para o mundo em que vivemos. Boa leitura!

Referências

Svendsen, L. (2006). *Filosofia do tédio* (M. L. X. de A. Borges, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1999)

Marina Massi

Editora

marinamassieditora@rbp.org.br